

O Mestre Gato ou o Gato de Botas

Um Moleiro ao morrer não deixou aos seus três filhos senão um Moinho, um Burro e um Gato. As partilhas foram feitas sem demora, e nem o Notário nem o Advogado foram para ali chamados.

Num ápice, apropriaram-se do pobre património. O mais velho ficou com o Moinho, o segundo com o Burro e o mais novo não teve mais nada para escolher senão o Gato.

Este último não se conformava com o pobre quinhão que lhe coubera em sorte:

— Os meus irmãos — dizia — poderão ganhar razoavelmente a sua vida, associando-se; a mim, depois de comer o gato e de fazer uma gola com a sua pele, só me resta morrer de fome.



O Gato, que ouvia tais palavras sem disso dar mostras, voltou-se para ele com um ar solene e grave e disse-lhe:

– Não se aflija dessa maneira, meu dono. Só é preciso que me arranje um Saco e que me faça um par de Botas para eu andar no mato, e verá que não foi tão mal contemplado como está a imaginar.

A verdade é que o dono do Gato não acreditava lá muito nestas palavras, mas, porque já o tinha visto realizar verdadeiros prodígios de agi-lidade para caçar Ratazanas e Ratos, como quando por exemplo ficava suspenso apenas pelos pés ou se escondia dentro da farinha para se fingir morto, no fundo o certo é que tinha alguma esperança de poder vir a ser socorrido por ele na sua miséria.

Logo que o Gato se viu na posse de tudo o que tinha pedido, calçou cuidadosamente as Botas e, pendurando o Saco ao ombro, seguiu os cor-dões com as duas patas da frente e dirigiu-se para uma Coutada onde havia grande quanti-dade de coelhos bravos. Pôs algumas sêmeas e

serralhas dentro do saco e, estendendo-se como se estivesse morto, esperou que algum jovem coelhinho, ainda inocente das manhas deste mundo, entrasse para o saco para comer o que ele lá tinha colocado. Mal se havia deitado, logo teve uma alegria; um jovem irrefletido coelho entrou para dentro do saco e o Mestre Gato, pu-xando rapidamente os cordões, prendeu-o e matou-o sem misericórdia.

Muito ufano com a sua proeza, foi ao Palácio do Rei e pediu para lhe falar.

Fizeram-no subir até aos aposentos de Sua Majestade e ali fez uma grande vénia ao Rei, a quem disse:

– Eis aqui, Senhor, um Coelho da Coutada, que o Senhor Marquês de Carabás (foi o nome que lhe agradou chamar ao seu Dono) me en-carregou de vos oferecer, da sua parte.

– Diz ao teu Dono – respondeu o Rei – que eu lho agradeço e que muito me agrada.

De outra vez foi esconder-se num prado, con-servando sempre aberto o seu saco; e, logo que duas Perdizes para dentro deste entraram,

puxou os cordões e aprisionou-as. Foi em seguida oferecê-las ao Rei, tal como havia feito com o Coelho da Coutada. O Rei aceitou com prazer as duas Perdizes e mandou que lhe oferecessem de beber. O Gato continuou a proceder da mesma forma durante dois ou três meses, levando de vez em quando ao Rei a Caça das caçadas do seu Dono.

Um dia, soube que o Rei devia ir dar um passeio pelas margens do rio, acompanhado de sua filha, a mais bela Princesa do mundo, e disse ao Dono:

— Se seguir o meu conselho, a sua felicidade está assegurada: não tem mais do que ir banhar-se no rio, no local que eu lhe indicar, e em seguida deixar-me agir.

O Marquês de Carabás fez o que o seu Gato lhe aconselhava, sem perceber o que ganhava com isso. Enquanto se banhava, passou o Rei e o Gato começou a gritar com quantas forças tinha:

— Socorro, socorro! O Senhor Marquês de Carabás está quase a afogar-se!

Ao ouvir estes gritos, o Rei espreitou pela portinhola e, tendo reconhecido o Gato que tantas vezes lhe levava peças de Caça, ordenou aos seus Guardas que fossem acudir ao Senhor Marquês de Carabás. Enquanto retiravam do rio o pobre Marquês, o Gato aproximou-se da Carruagem e disse ao Rei que quando o seu Dono estava a tomar banho tinham aparecido uns Ladrões que lhe haviam levado os fatos, embora ele tivesse pedido socorro com todas as suas forças; um ladrão tinha-os escondido debaixo de uma grande pedra.

O Rei deu logo ordem aos Oficiais da sua Guarda para irem buscar um dos seus mais belos fatos para o Senhor Marquês de Carabás. O Rei teve para com ele mil amabilidades e, como os belos fatos que acabava de receber faziam realçar a sua boa figura (pois era belo e elegante), a filha do Rei achou-o muito a seu gosto e o Marquês de Carabás não precisou senão de lhe lançar dois ou três olhares muito respeitosos e um pouco ternos para que ela se enamorasse dele até à loucura. O Rei quis que

ele subisse para a sua Carruagem e que a partir dali os acompanhasse naquele passeio. O Gato, encantado por ver que o seu projeto começava a concretizar-se, tomou a dianteira e, tendo encontrado uns Camponeses que cortavam a erva de um Prado, disse-lhes:

– Bons homens que cortais erva, se não disserdes ao Rei que este prado que estais a segar pertence ao Senhor Marquês de Carabás sereis todos cortados aos bocadinhos!

O Rei não tardou a perguntar aos Camponeses a quem pertencia aquele Prado onde trabalhavam.

– Pertence ao Senhor Marquês de Carabás – responderam em coro, pois a ameaça do Gato os amedrontara.

– Tem aqui uma bela propriedade – disse o Rei ao Marquês de Carabás.

– E note, Senhor, que é um prado que todos os anos produz erva em abundância – respondeu o Marquês.

O Mestre Gato, que ia sempre mais à frente, encontrou uns Ceifeiros e disse-lhes:

– Bons homens que ceifais, se não disserdes que todo este trigo pertence ao Senhor Marquês de Carabás sereis todos cortados aos bocadinhos!

O Rei, que passou momentos depois, quis saber a quem pertencia todo aquele trigo que estava a ver.

– Pertence ao Senhor Marquês de Carabás – responderam os Ceifeiros; e mais uma vez o Rei felicitou o Marquês.

O Gato, que ia à frente da Carruagem, ia recorrendo sempre a mesma coisa a todos os que encontrava pelo caminho e o Rei estava admirado com a enorme fortuna do Senhor Marquês de Carabás.

Finalmente, o Mestre Gato chegou a um belo Castelo cujo Dono era um Monstro, o mais rico que jamais houvera, pois que todas as terras através das quais o Rei acabava de passar eram os domínios deste Castelo. O Gato, que tinha tido o cuidado de saber quem era este Monstro e quais as magias que era capaz de fazer, pediu licença para lhe falar, dizendo que não queria

passar assim tão perto do seu Castelo sem deixar de lhe apresentar cumprimentos.

O Monstro recebeu-o o mais delicadamente que a um Monstro é possível e pediu-lhe que se sentasse.

– Afirmaram-me – disse o Gato – que vós possuís o condão de vos transformardes em qualquer espécie de Animal; que podíeis, por exemplo, transformar-vos num Leão, num Elefante. É verdade?

– É verdade – respondeu bruscamente o Monstro. – E, para que acredites, vou transformar-me num Leão.

O Gato ficou tão assustado de ver na sua frente um Leão que num pulo alcançou os canos do telhado, não sem dificuldade e sem perigo, por causa das Botas, que não eram nada próprias para pisar telhas. Passado pouco tempo, o Gato, tendo visto que o Monstro havia voltado à sua primitiva forma, desceu e confessou que tinha tido imenso medo.

– Também me afirmaram – disse o Gato –, mas isso é que eu não acredito, que vós também possuís

o condão de tomar a figura dos Animais mais pequeninos, por exemplo, de vos transformardes numa Ratazana, num Rato; confesso-vos que considero isso completamente impossível.

– Impossível? – repetiu o Monstro. – Pois então vais ver!

E no mesmo instante se transformou num rato que começou a correr pelo chão. O Gato, assim que o viu, logo o agarrou e comeu.

Entretanto, o Rei, que ia a passar, avistou o belo Castelo do Monstro e quis entrar nele. O Gato, ouvindo o rodar da Carruagem que atravessava a ponte levadiça, adiantou-se e disse ao Rei:

– Seja Vossa Majestade bem-vinda ao Castelo do Senhor Marquês de Carabás.

– O quê, Senhor Marquês – exclamou o Rei –, então este Castelo também é vosso? Não se pode imaginar nada mais belo do que este pátio e estas construções que o rodeiam; por favor, muito gostava de o ver por dentro.

O Marquês deu a mão à jovem Princesa e, seguindo o Rei que subia à frente, entraram num

grande Salão, onde foram encontrar uma ceia magnífica que o Monstro tinha preparado para os amigos que viriam visitá-lo naquele dia, mas que não tinham ousado entrar ali por saberem que o Rei lá estava.

O Rei, encantado com as boas qualidades do Senhor Marquês de Carabás, tal como a filha que por ele estava apaixonada, e vendo a enorme fortuna que ele possuía, disse-lhe, após ter bebido uns cinco ou seis copos de vinho:

– Não depende senão de vós, Senhor Marquês, tornar-vos meu Genro.

O Marquês, fazendo uma grande vénia, aceitou a honra que o Rei lhe concedia; e nesse mesmo dia casou com a Princesa.

O Gato tornou-se um Fidalgo e só passou a correr atrás dos ratos para se divertir.

MORALIDADE

Por maior que seja o privilégio de gozar uma valiosa herança transmitida dos pais para os seus filhos,

para os jovens, de uma maneira geral, têm mais valor a inteligência e a habilidade do que os bens recebidos.

OUTRA MORALIDADE

Se o filho de um Moleiro, com tal rapidez, conquistou o coração de uma Princesa e conseguiu obter os seus olhares amorosos, foi porque os fatos, o aspeto e a juventude não são de todo coisas indiferentes para inspirar ternura.